

MIL

Quando era adolescente, acompanhei com interesse a busca de Pelé, o maior jogador de futebol de todos os tempos, a marcar os mil gols, invenção de um jornalista marqueteiro que culminou no célebre jogo Santos x Vasco no Maracanã, no dia 19 de novembro de 1969. Todo mundo esperava ansiosamente o gol que não saia, até que o juiz marcou um pênalti para o Santos. O resto é história. Andrada, o goleiro do Vasco saltou e não conseguiu encontrar a bola, que morreu no fundo das redes, onde Pelé foi busca-la e quase não conseguiu sair pela invasão do campo por dezenas de repórteres que estavam atrás do gol. Deu a volta ao campo nos ombros de alguém, todos ouviram o discurso de Pelé clamando pelas criancinhas do Brasil enquanto lá fora do estádio a repressão da ditadura comia solta.

A saga continuou depois, uma emissora de rádio que tinha prefixo 1040 (Rádio Tupi) inventou de acompanhar Pelé até que ele marcou o gol 1040 num amistoso em Erechim, interior gaúcho no início do ano de 1970. Mas nada foi mais divertido que ler no Pasquim, jornal hebdomadário de resistência à ditadura militar, as cinco mil do Millôr Fernandes. Isso mesmo, ele escreveu sobre as cinco mil trepadas que deu na vida, ao menos até aquela época, pois viveu até 2012. Hilariante, a crônica começava com sua introdução ao sexo a dois com a Maria Brasil carioca, levado por um tio a lupanar no bairro carioca da Lapa. Depois ele vai fazendo as contas, era uma crônica engraçadíssima. Millôr, um pensador e humorista genial, escreveu e desenhou milhares de páginas e cartuns publicados na imprensa brasileira. Como diz a Wikipédia, “em seus trabalhos costumava valer-se de expedientes como a ironia e a sátira para criticar o poder e as forças dominantes, sendo em consequência confrontado constantemente pela censura”.

Foi baseado na ideia de Millôr Fernandes que comecei a contar. Mas diferente dele, não cheguei a mil ainda. Fui marcando toda semana, as várias posições assumidas, se houve algum comentário, enfim, fui construindo um arquivo mais detalhado que do centro de biblioteconomia e arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A média nunca passou de cinquenta ao ano, baixa para alguns que podem acrescentar quase diariamente novos números à contagem.

Os números ficaram piores em certas épocas, por causa de doença ou outros eventos que tornavam impossível aumentar o número. Mas a verdade é que em breve poderemos comemorar juntos as “Mil”, talvez até fazer uma festa desde que não haja aglomeração e a vacina chegue, apesar do Bozo. Mas, para que não fiquem muito assanhados e procurem o seu empoeirado livro do Kama Sutra escondido na estante, estou me referindo às “Mil Crônicas” publicadas.

Mauro Ferreira é arquiteto